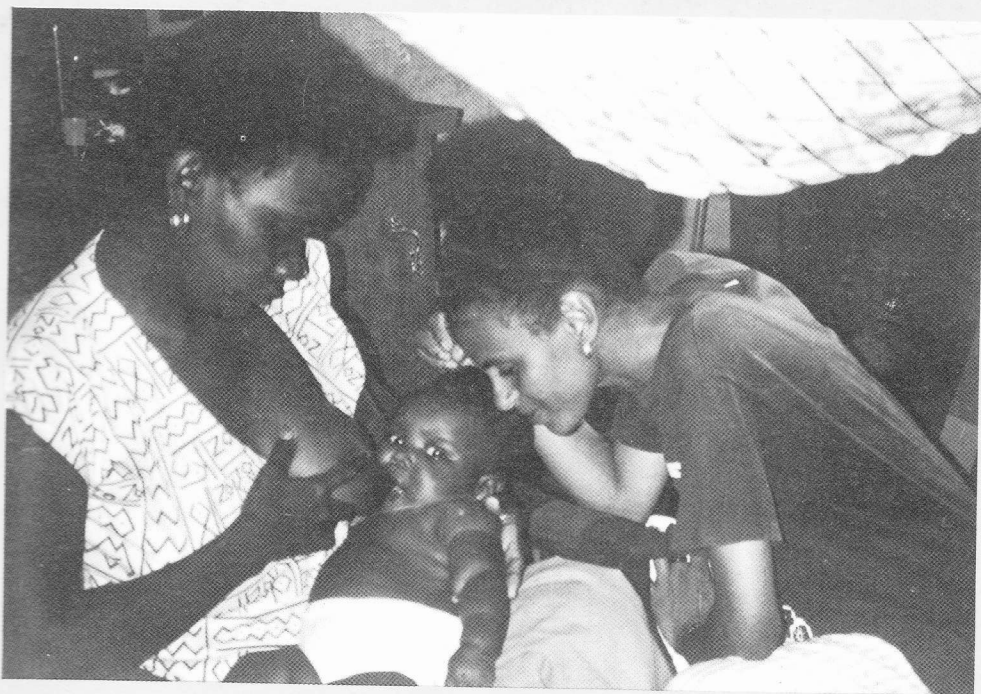


MULHER NEGRA:

RESISTÊNCIA E SOBERANIA
DE UMA RAÇA



AGENTES DE PASTORAL NEGROS



Livros da Coleção:

1. O terreiro e a cidade – Muniz Sodré
2. "Ouvi o clamor deste povo..." negro – Comissão dos Religiosos, Seminaristas e Padres Negros (Rio de Janeiro)
3. A história dos africanos na América Latina – CEHILA Popular
4. Mulher e escrava – Sonia Maria Giacomini
5. O feitor ausente – Leila Mezan Algranti
6. Negros no Brasil: dados da realidade – Projeto Negro/IBASE
7. Mulher negra: resistência e soberania de uma raça – Agentes de Pastoral Negros

Orientação editorial

Frei David Raimundo Santos, O.F.M.
Frei Neylor J. Tonin, O.F.M.
Dep. Benedita da Silva
Frei Paulo Gomes, O.F.M.

Agentes de Pastoral Negros

MULHER NEGRA: Resistência e Soberania de uma Raça



Petrópolis
em co-edição com
Quilombo Central – Agentes de Pastoral Negros
São Paulo
1990

(c) 1989, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis RJ
Brasil

Ilustrações de miolo
Wilson Ribeiro Fávaro

Diagramação
Daniel Sant'Anna

ISBN — 85.326.0159-6

Sumário

- Apresentação, 7
Introdução, 9
Objetivos, 11
1. O machismo nas relações sociais e a marginalização da mulher, 13
 2. A mulher negra e a sexualidade, 16
 3. A violência contra a mulher negra na família e na sociedade, 20
 4. A mulher negra e o trabalho, 24
 5. A mulher negra e a política, 29
 6. A mulher negra e a educação, 33
 7. A mulher negra e a cultura, 36
 8. A mulher negra e a família, 39
 9. A mulher negra e a saúde, 43
 10. A mulher negra e os meios de comunicação social, 47
 11. A mulher negra e a Igreja, 49
- Bibliografia, 53

Apresentação

Esta publicação é endereçada especialmente à mulher negra. E também a todos que buscam relações igualitárias entre mulheres e homens, negros e brancos e conseqüentemente trabalham na construção de uma sociedade justa.

Trata-se de uma iniciativa de Agentes de Pastoral Negros, em cujo seio, nos últimos dois anos, vem sendo abordada, sempre com mais veemência e comprometimento, a problemática da mulher brasileira. Reuniram-se, pois, com o intento de produzir um texto que servisse de referência às discussões, tomada de decisões de grupos de mulheres negras, cinco agentes de pastoral negros, oriundas de diferentes estados do país.

O texto que segue foi sistematizado por essas mulheres; entretanto, contém posições, anseios, aspirações, críticas, questionamentos, emoções, reflexões, propostas não só delas, como também de mulheres de diferentes grupos sociais dos estados do Maranhão, Pará, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul. Não se trata da expressão de pessoas solidárias à mulher negra, mas do falar, exprimir de mulheres negras que trazem na sua história de mulher e na de seu povo a marca profunda do sofrimento ocasionado pela opressão de uns sobre outros.

Este texto, produzido no contexto de um projeto de vida que, antes de ser pessoal, é de um grupo, apresenta linhas de um projeto para a sociedade, a partir da mulher negra, e indica as trilhas que agentes de pastoral negros vão abrindo a partir de uma visão de fé, ao enfrentar as questões que envolvem a mulher.

Alguns entendimentos orientaram o que aqui se apresenta. É importante tê-los presente, ao estudar o texto:

- a mulher negra, e também a não-negra, sofre pela falta de possibilidade de participação nas decisões da sociedade;

para os grupos e as comunidades. Algumas sugestões dizem respeito mais diretamente às mulheres negras, aos outros companheiros agentes negros e também mulheres e homens brancos a fim de que todos nos envolvamos e nos comprometamos na luta pela igualdade.

O mais importante porém é o que cada grupo fará para encontrar formas e possibilidades concretas de atuação, intervenção e transformação de sua realidade. Este material quer ser um auxílio para que os diferentes grupos possam ir criando outros materiais partindo das realidades específicas de seu regional.

Objetivos

Os *objetivos* que iluminaram a elaboração desta publicação foram:

- Fazer conhecer a mulher negra como um dos agentes da história brasileira;
- Reconhecer na luta da mulher negra os sinais da construção do Reino, que é o reino de mulheres e homens negros, índios e brancos comprometidos com a justiça;
- Denunciar as relações machistas-racistas existentes na sociedade, inclusive na Igreja;
- Denunciar a tríplice discriminação que vive a mulher negra: ser mulher, ser negra, ser pobre;
- Incentivar as mulheres negras a se organizarem nos diversos grupos e espaços que participam;
- Valorizar as organizações das mulheres negras e compreender os desafios que enfrentam.

O machismo nas relações sociais e a marginalização da mulher



No mundo em que vivemos, predominantemente regido pela ordem capitalista, a mulher é considerada pelo homem como subalterna, fonte de mão-de-obra, sexo frágil etc. Uma das fundamentações deste modo de pensar vamos encontrar na obra de Platão, filósofo grego que viveu no século V aC. Suas idéias estão até hoje presentes na sociedade. Vê o mundo de forma dua-

lista, dividida. Tudo que está ligado à matéria, às coisas sensíveis é inferior. O bom, o verdadeiro está ligado ao mudo das idéias, hoje diríamos da razão. Desta forma se pensa toda a realidade: o conhecimento, o trabalho, o amor e até a divisão dos sexos. Nela o homem é considerado o ser pensante por excelência, o mais próximo das idéias, da perfeição; e a mulher de segunda categoria.

Desta forma, a história contada e escrita pelos homens ocultou e continua ocultando a ação das mulheres nos grandes acontecimentos. Muitas foram as mulheres que romperam esta barreira participando ativamente nas lutas pela mudança da ordem social. Uma destas presenças no Brasil é, por exemplo, Luiza Mahim, uma grande lutadora que em pleno regime escravista articula a revolta do Malês, em 1835, na Bahia.

Este recuperar de nossa história e memória nos faz recorrer também à Bíblia. Ela nos apresenta mulheres que rompendo as estruturas machistas e de morte de seu tempo e apressaram a libertação de seu povo (Ex 1,15-22).

Entre os mecanismos utilizados pela sociedade e as Igrejas para oprimir e marginalizar a mulher, em se tratando da mulher negra, além do machismo vamos encontrar o racismo.

É dupla a opressão que desvaloriza nosso trabalho, nosso corpo feminino, os traços e valores próprios de nosso povo. Tal desvalorização é fruto e ao mesmo tempo reforça e mantém a opressão econômico-político-cultural que desconsideram nosso ser humano.

Nos últimos tempos, nós mulheres vamos ampliando, revigorando com coragem as lutas de nosso povo contra todo tipo de preconceito e marcando presença na história.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

É nossa tarefa libertar-nos e libertar conosco o nosso povo. Dar ao mundo a nossa contribuição feminina no cumprimento da justiça e da paz. Por isso vamos:

- Procurar participar de grupos de mulheres, onde seu objetivo é a libertação da mulher e a busca de igualdade entre mulheres e homens. Caso não exista esta oportunidade de participação onde você mora procure criá-la.
- Discutir nos grupos em que participamos e em especial nos grupos dos Agentes de Pastoral Negros a questão do machismo e suas conseqüências tanto para a mulher negra como para o homem negro.
- Verificar na família, escola, catequese etc. como se dá a educação da menina, e quais as frases mais comuns que são ditas e que reforçam a submissão da menina com relação ao menino.

- Convidar um grupo de mulheres negras e durante dois dias assistir um capítulo de novela na TV e observar o comportamento e papel das mulheres com relação ao trabalho, educação das crianças, como a "família" é constituída. Em seguida discutir com o grupo em que pontos a televisão pode atrapalhar ou ajudar na formação das pessoas e da comunidade negra.
- Procurar organizar um encontro na comunidade com a participação de jovens e adultos negros para um esclarecimento sobre as várias formas de manifestação do machismo e sua conseqüência para a comunidade e sociedade como um todo.

A mulher negra e a sexualidade

O corpo é instrumento que Deus nos deu para conhecermos o mundo, a vida, as coisas, as pessoas e a Ele próprio. É porque somos capazes de ver, tocar, ouvir, sentir, perceber que nos aproximamos de Deus e de tudo que existe, ao se aproximarem eles de nós.

As pessoas me conhecem a partir do meu corpo, assim sabem que sou negra, tenho cabelos crespinhos, o nariz chato, maçãs do rosto saltadas, caminho gingando, trago mãos grossas de tanto trabalho duro, o olhar alegre ou triste, submisso ou atrevido. Conheço as pessoas que se aproximam de mim, a partir do seu corpo. Com ele, elas me mostram o que pensam de mim, o que esperam de mim. Sei de tudo isso, até mesmo sem que elas falem.

Antes de mais nada, mulheres e homens somos corpo (unidade inseparável do corpo físico, da alma, das energias, sentimentos, emoções, inteligência) que vai ao longo da vida, crescendo, ao nos permitir entender o que está fora de nós, o que acontece ao nosso redor, e também aos nos permitir mostrar, às outras pessoas, com nosso olhar, nossa fala, nossos gestos, o que entendemos, pensamos, sentimos.

O corpo não perde jamais o seu vigor enquanto intermediário único e indispensável que temos com a vida, os irmãos e conseqüentemente com Deus. O corpo — seja ele velho, adulto, jovem, seja sadio, feroso, doente, cansado — é a ligação que temos com tudo que nos rodeia, que nos diz respeito.

Então, o corpo não é objeto de pecado? *O corpo é, sobretudo, o único meio de salvação de que dispomos.* Mas, se empregado para dominar, usar, machucar outros corpos, tornando-os escravos, empobrecidos, diminuídos, enfraquecidos, despojados de saúde, de alegria, o meu corpo, então, se torna objeto de pecado.

É pecado desconhecer que temos sexo, o que distingue mulheres de homens. Desconhecer que somos corpos sexuados é não nos reconhecermos como seres humanos, é desfigurar a nossa humanidade, e, portanto, nos afas-

tar de Deus e contrariar o seu plano criador que nos criou homem e mulher. O sexo faz parte da natureza mais profunda do ser humano, e não só como instrumento de reprodução, mas também de realização da nossa humanidade.

Nós mulheres negras temos vivido ao longo da nossa história, no Brasil, a experiência da opressão dos nossos corpos. Corpo usado como objeto sexual, corpo considerado razão de pecado, corpo manipulado como belo para dar lucro a algumas pessoas; corpo enfraquecido pela falta de alimentação; mal vestido, em virtude dos baixos salários; corpo doente, com poucas possibilidades de recuperação; cansado pelo trabalho desgastante e embrutecedor; corpo controlado por regras hipocritamente moralistas.

A opressão econômico-político-social atinge a sexualidade, e a dos homens negros, dilacerando nossos corpos. A nós, mulheres negras, incontáveis vezes, tal opressão faz valer-nos do sexo para a sobrevivência nossa e da família. Faz recorrermos ao aborto, realizado nas piores condições emocionais e afetivas, sem condições mínimas de higiene e segurança, como enorme gesto de amor e respeito pela vida que não teríamos condições de manter, e seríamos coniventes em matar, se aceitássemos, impotentes, vê-la morrer de fome, frio, doenças e até mesmo de falta de carinho. Na nossa história de mulheres negras, o aborto já foi ato político, expressão dolorosa de protesto contra a geração de nossos escravos e de resistência à agressão ao nosso corpo e à vida gerada na violência. Como pode, nosso corpo ofendido, magoado, ser objeto de pecado?

A sociedade fala como se usássemos nosso corpo dessa maneira, por opção própria e livre; ela finge ignorar as circunstâncias em que, deliberadamente, nos aprisiona. Não nos é dado tempo para educar nossos filhos, e os chamam meninos de rua e os transformam, muitas vezes, em marginais. Nossas filhas, não raramente, iniciam precocemente a vida sexual, sendo prostituídas. São-nos impostas condições econômicas, de saúde que nos impedem de planejar nossas famílias, mas impingem o controle familiar, feito por pessoas que não nos conhecem, não se interessam por nós, e usam nosso corpo para um proveito que nunca será nosso.

As mulheres brancas invejam nosso corpo, perguntam como nos relacionamos com nossos companheiros, e dizem que os seus afirmam sermos nós mais "quentes".

Os homens brancos buscam em nós um "exótico sexual" para seu uso e consumo.

Os homens negros reproduzindo e alimentando os preconceitos que a sociedade cria contra todas nós, mulheres, inúmeras vezes, nos tratam de ignorantes, incapazes, e buscam no nosso corpo não uma relação reciprocamente prazerosa, afetuosa, mas o gozo de saciar uma necessidade sua. Quando não fazem do nosso corpo, para junto conosco formar um projeto comum, e procuram o da mulher branca, possibilidade de aproximar do que a sociedade julga o ideal humano: as pessoas brancas, ou embranquecidas, e desta forma uma ascensão na sociedade. Assim, muitas vezes, se dispõem a "união sólida" com mulheres brancas e a "casos passageiros" com negras.

Se somos audaciosas, militantes do movimento negro ou de outros movimentos, muitos homens negros nos desprezam, preferem companheiras mais "pacíficas". A nossa fala os assusta.

Quando conseguimos assumir que somos seres humanos distintos dos homens, porém igualmente valiosas, inteligentes, fortes é porque somos capazes de falar sobre nós mesmas. A nossa conversa com outras mulheres negras nos ajuda. Conversa sobre a história de sofrimentos do nosso povo, a sua capacidade de luta, o nosso modo de mulheres negras reagirmos diante dos problemas, das alegrias, das desgraças, o nosso jeito de conviver com homens negros e pessoas brancas, a nossa afetividade, nossas frustrações e realizações, nossa história de opressão e de reações. Nossa conversa sobre nosso modo de viver e de lutar pela vida nos leva a não mais negar nosso corpo sexuado feminino, nos livrando pouco a pouco de inseguranças, medos, sentimentos de culpa, nos permitindo alterar a voz, erguer a cabeça, exigir respeito, nos realizar enquanto seres humanos. E, nesta luta, estamos construindo o Reino de Deus.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

Numa sociedade, como a nossa, que separa o corpo físico da alma, da inteligência, valoriza estas mais do que aquele, se torna muito difícil pensar, compreender, conversar sobre nosso corpo sexuado feminino. Entretanto, enquanto não começarmos a fazê-lo, dificilmente assumiremos nosso papel na sociedade enquanto mulheres — seres humanos diferentes dos homens. O que queremos é que nossos companheiros deixem de dizer como devemos ser, agir e nos aceitem como somos, capazes de decidir sobre nossas vidas, conseqüentemente sobre tudo que diz respeito a nosso corpo.

Não é fácil o empreendimento a que nos propomos, pois nos vemos amarradas por preconceitos, pelo desconhecimento sobre nosso corpo, pelo silêncio a respeito das opressões que vivemos ao longo da nossa história de mulheres. Mesmo assim, não podemos perder a coragem. Vamos começar, tomando algumas iniciativas. Por exemplo:

- Conversar, em grupos de mulheres negras, sobre a nossa sexualidade: o sentido das relações sexuais para nós, a relação do nosso corpo com o do nosso companheiro, não só nas relações sexuais, mas também no lugar que ocupam dentro de casa, na rua, nas festas, no esforço que fazem para a manutenção da família; nossas frustrações e alegrias em relação a nossos companheiros; o modo como os tratamos e como nos tratam etc.
- Buscar, junto a mulheres médicas, preferencialmente negras, informações e orientação sobre o nosso corpo físico, sua constituição e funcionamento, as doenças que o acometem, formas de tratamento.

- Buscar informações e orientações com médica ginecologista, preferencialmente negra, sobre higiene e cuidados com os órgãos genitais e reprodutores, sobre conseqüências de diferentes maneiras de se relacionar sexualmente, sobre concepção, gestação, parto.
- Discutir, na medida do possível, com psicóloga e com médica negra, entre outras coisas, a respeito do direito de decidirmos sobre quando ter filhos e quantos ter.
- Discutir, com mulher advogada, preferencialmente negra, sobre direitos legalmente estabelecidos quanto a trabalhos fisicamente penosos, extensão de horário de trabalho; bem como sobre possíveis maneiras de propor e conseguir a legislação de tais questões; além de procedimentos a tomar diante de discriminações sofridas por causa do corpo negro.
- Analisar a figura da "mulata tipo exportação", bem como outras imagens ou situações que fazem do corpo da mulher negra objeto de uso e consumo. Tomar iniciativas, mesmo que acanhadas, para manifestar através dos meios de comunicação sua desaprovação e propor maneiras dignas de mostrar o corpo da mulher negra.
- Denunciar todos os casos de discriminação contra mulheres, negras ou não, divulgando amplamente o acontecido.
- Conversar com mulheres brancas a respeito da sexualidade da mulher brasileira; estender a conversa a homens negros e brancos.
- É fundamental nos empenharmos no aprofundamento do novo que como A.P.N. vamos trazendo no sentido de valorização de nosso corpo. Isso vai desde a descoberta da beleza do nosso ser negra, negro, até o lugar que ocupa a dança, o gesto, portanto o corpo nas nossas celebrações litúrgicas.
- Que outras sugestões seu grupo apresenta?

A violência contra a mulher negra na família e na sociedade



A violência contra a mulher foi sempre uma constante no decorrer da história. Ela vem de muito longe, do modo de conhecer as relações entre homem e mulher como relação de posse e dominação. Na família e na sociedade a violência assume características das mais sutis à aberta desvalorização da sua condição feminina.

Consideramos violência contra a mulher tudo o que atenta a totalidade do seu ser como pessoa humana. É "a manifestação mais trágica de discriminação contra ela".

A mulher sofre a violência sexual como estupro, incesto, imposição do ato sexual sem as mínimas condições físicas e emocionais.

Nós mulheres negras, desde nossa chegada ao Brasil, somos a maior vítima, devido a utilização do nosso corpo de forma desumana e agressiva, ferindo nossa dignidade como pessoa humana livre e responsável.

Outra forma de violência comum à mulher é a psicológica, induzindo-nos a ser e a praticar atos que contrariam o nosso ser como mulher e negra como: o branqueamento, o vedetismo, a exposição e a utilização do nosso corpo só como objeto de consumo e exploração. Esta utilização é revertida para nós, criando sentimentos de culpa por causa de nosso corpo, enquanto que o homem ocupa sua responsabilidade em conceber estas circunstâncias à mulher e a acusa de tentadora, vagabunda, desonesta, infiel. Ainda praticam outras formas de agressão à mulher como injúria, indução ao suicídio, ameaças e insultos. No campo do trabalho nos exigem: atestado de ligadura de trompas, exigências de não gravidez etc. As mulheres introjetando a ideologia machista mantêm umas sobre as outras relações de escravidão e dominação. É comum as empregadas domésticas, lavadeiras, faxineiras se tornarem verdadeiras escravas de suas patroas. Não esqueçamos também da agressão que as mulheres negras sofrem por parte dos patrões e seus filhos que nos utilizam para seus caprichos e nos violentam sexualmente.

As mulheres que sofrem o aborto, seja ele provocado ou não, são verdadeiramente torturadas, não tendo os mínimos direitos a um atendimento digno e de acordo com a situação delicada em que estão passando. Chamam o recinto onde elas são atendidas de "sala de podres". Isto atenta contra os princípios fundamentais dos direitos humanos.

No campo do relacionamento a dois a violência física à mulher se constitui numa constante atitude agressiva que vai desde o beliscão, bofetadas, maus-tratos, espancamento e agressão chegando até ao homicídio, mutilação do corpo e às chacinas.

Existem vários artigos no código penal que dizem respeito à violência contra a mulher, mas como sempre na maioria das vezes não são conhecidos. Eis alguns deles: 121, 122, 129, 139, 140, 146, 147, 213, 305.

Esses artigos quando conhecidos não são respeitados e a impunidade impera, pois os responsáveis pela punição em grandíssima escala são homens. E as mulheres advogadas na sua maioria ainda não se despertaram para lutarem pelos direitos da mulher na sociedade civil.

As mulheres, mesmo conhecendo seus direitos, devido a educação recebida que não as preparou para contestar e reagir, acabam entrando numa confusão psicológica que as impede de tomar qualquer atitude.

A sociedade se mantém indiferente e omissa em relação à violência à mulher, com isso o problema social continua presente sem a devida solução.

Uma das tentativas para ir ao encontro desta realidade é a criação das Delegacias de Proteção à Mulher, uma das conquistas assumidas por mulheres para a defesa das mulheres.

Vemos, no entanto, que o mais eficaz é a educação dos homens e mulheres e de toda a sociedade para o devido respeito à mulher e particularmente a nós mulheres negras, como seres humanos e cidadãs com direitos que devem ser respeitados.

O próprio Jesus condena qualquer forma de agressão à mulher, quando repreende de maneira exemplar os fariseus que acusavam a mulher adúltera (Jo 8,1s).

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

As pistas para o agir querem ser uma provocação à organização das mulheres na luta pelos seus direitos, onde são envolvidos todos os segmentos da sociedade, e em particular manifestar a dimensão educativa da mulher, para que o homem cada vez mais se torne homem — parceiro, companheiro da mulher na luta por um mundo de irmãos.

— Realizar um levantamento estatístico de dados relativos à violência à mulher, em especial à mulher negra.

Fontes: — IBGE.

— Delegacia de Proteção à Mulher.
— Postos de Emergência etc.

— Nos grupos e movimentos negros: abrir um espaço para a questão da violência à mulher com a participação especial de homens negros. Verificar quais os tipos de violência praticada contra a mulher e suas causas.

— Manter contatos com grupos de Defesa dos Direitos Humanos: Centros de Defesa à Mulher.

— Propiciar, através da mobilização social, a inclusão, nos Projetos de Constituição Estadual, de leis que protejam a mulher, assim como nos municípios.

— Envolver as instituições de ensino, pesquisa, saúde nas discussões relativas à mulher negra.

— Divulgar o Dia Nacional da Violência à Mulher — 25 de novembro — como dia de luta das mulheres.

Lembrar as mulheres vítimas da violência na história do passado e hoje.

— Denunciar através dos grupos e meios de comunicação social toda a forma de violência à mulher.

— Aos Agentes de Pastoral cabe o desafio de divulgar e refletir as questões de violência à mulher, repudiando, através de manifestos ao público, os casos que ocorrem.

A mulher negra e o trabalho

Consideramos trabalho toda atividade criativa que possibilite à mulher e ao homem desenvolver e aperfeiçoar seu potencial criador e contribuir para que a sociedade se torne uma comunidade de irmãos e irmãs que vivem na busca do bem comum.

Partindo desse pressuposto a concepção de trabalho para nós mulheres negras não se restringe unicamente ao exercício de uma atividade produtiva e mecanizante, mas a tudo o que se realiza com sentido, isto é, quem tem e dá sentido para que possamos viver melhor na família e na sociedade.

O Trabalho Doméstico

A mulher e em especial a nós mulheres negras sempre coube o trabalho doméstico e que não sendo considerado atividade produtiva foi e é sempre desvalorizado. Para a mulher, como deveria ser para o homem também, qualquer exercício de atividade é trabalho porque nele se gastam forças físicas, engenhosidade mental e se requer muita resistência.

Percebemos, entretanto, que o trabalho doméstico, por se realizar no âmbito do lar, seja ele próprio ou alheio, não constitui instrumento de direitos para nós mulheres, mas de deveres.

A situação da mulher dona-de-casa é a mais desumana possível por não ser reconhecido seu trabalho e por não possuir carteira profissional e aposentadoria. É a dona-de-casa explorada pelo marido, filhos e, muitas vezes, ela mesma sem se dar conta contribui para esta exploração, porque introjetou sem críticas o mito da mulher dona-de-casa. Faz-se mister toda uma educação da sociedade para o reconhecimento deste trabalho. Ainda mais porque vemos que paralelamente ao trabalho doméstico a mulher realiza outras atividades como: lavadeira, vendedora, faxineira, passadeira etc.

O Trabalho Remunerado

Como o próprio nome diz, é aquele que em contrapartida se recebe um pagamento.

As profissões mais comuns exercidas por nós mulheres negras são as que exigem pouca ou nenhuma escolaridade: empregada doméstica, bóia-fria, faxineira, lavadeira, atendente de enfermagem. Nessas profissões, oferecidas pelo mercado tradicional, nós mulheres negras desenvolvemos atividades das mais variadas possíveis e muitas vezes acumulando outras funções inerentes.

Uma boa parcela de nós já está se organizando como categoria profissional para exigir nossos direitos e o reconhecimento como trabalhadoras. Na liderança desses movimentos estamos presentes, porém muitas vezes são as brancas que "aparecem em linha de frente".

Como nos afirma nossa deputada Benedita da Silva, os ganhos, conquistas e avanços em relação à classe trabalhadora na Nova Constituição foi por conta da resistência e tenacidade das empregadas domésticas. Nossa jornada de trabalho é sempre de 12 horas ou mais e normalmente desde os 7 anos de idade começamos a trabalhar.

Nas profissões que exigem mais escolaridade, nós estamos menos presentes, devido a forte discriminação que sempre pesou sobre nós e às dificuldades de acesso à escola e aos recursos de formação profissional específicos.

Nossa contribuição na criação e manutenção do mercado informal tem sido muito valiosa. Encontramos muitas mulheres artesãs, camelôs, vendedoras de produtos diversos, só que como sempre as condições de trabalho são as piores possíveis. Inventamos formas de segurança no exercício de nossa atividade e todo nosso potencial criativo é colocado em ação e construímos verdadeiras maravilhas de arte.

No que se refere ao salário e aos postos ocupados por nós em comparação ao homem negro e às mulheres brancas a diferença é notadamente acentuada. Vejamos:

Das mulheres que trabalham na agropecuária extrativa vegetal e animal em todo o Brasil:

**49,9 % das mulheres negras recebem meio salário;
19,3 % das mulheres brancas recebem meio salário.**

Na estrutura ocupacional assim nos encontramos:

**56,4 % das mulheres negras realizam prestação de serviços;
24,2 % das mulheres brancas realizam prestação de serviços.**

**15% das mulheres negras ganham um quarto de salário;
5,6% das mulheres brancas ganham um quarto de salário.**

Outros dados mostram que:

- **30% das empregadas domésticas são negras;**
- **O homem negro recebe um salário de 29,5% a 72% mais que a mulher negra;**
- **Nos últimos 20 anos apenas 10% das trabalhadoras brancas permaneciam no campo, enquanto que a porcentagem de bóias-frias negras era 35%.**

Fonte: IBGE/1980

Relações Homem-Mulher

No mundo do trabalho as relações homem-mulher são desiguais. Além de desenvolvermos nossa própria tarefa, nós mulheres devemos prestar pequenos serviços a nossos colegas homens, quando não assumimos o serviço deles.

Na relação patrão-empregada o quadro agrava-se ainda mais porque ele se arvora em duplo patrão: enquanto empregador e enquanto homem, exigindo-nos, além da própria tarefa, que lhe satisfaça seus caprichos. Muitas vezes estas investidas à mulher se constituem em formas agressivas de tratamento e discriminação, pois se ela não cede a entrada no mercado de trabalho é ainda mais dificultada. Outra forma de discriminação contra a mulher negra é o critério de "boa aparência", maneira discriminatória de se dizer que só se aceitam mulheres brancas.

Os Três Turnos de Trabalho

A mulher, e especialmente nós mulheres negras, nos é pedida duas jornadas de trabalho, aquela fora do lar e o trabalho doméstico. Assim vivemos sob o jugo de dois patrões, mas não possuindo direito algum. Como diz o canto: "Sua jornada é dobrada e seu salário bem menor". Há verdadeiramente uma exploração econômica e física do trabalho da mulher, e, como afirmam vários empregadores, nós produzimos um maior rendimento. O diá-

rio de Pernambuco de 07/08/88 afirma: "elas realizam o trabalho sem dificuldades. E o resultado não deixa nada a dever ao empreendido pelos homens". No entanto, as condições de pagamento, segurança e a própria lei trabalhista não contemplam devidamente a mulher na sua realidade de trabalhadora.

Foi criado um estereótipo da mulher trabalhadora do lar ou assumindo somente profissões consideradas femininas. A sociedade machista reforça sempre mais este mito e assim se perpetua a relação de poder e de superioridade do homem contra a mulher. É negada a nós mulheres a possibilidade de descanso para recuperar forças para o exercício de nossas atividades. Muitas continuam afirmando: "o trabalho de mulher não acaba nunca".

Devemos conciliar o trabalho doméstico e o fora do lar tornando-se desta maneira sobrecarregadas e cansadas, o que contribui para o seu envelhecimento precoce.

Outro turno de trabalho vive a mulher enquanto companheira. Impossibilitada de decidir sobre sua própria vida e especialmente sua vida sexual. A mulher, que já assumiu dupla jornada, se considera exercendo uma atividade forçada desviando assim o ato sexual para a esfera do exercício de mais uma atividade e não do encontro de duas pessoas que se amam. Isto fere profundamente a mulher que não se sente respeitada e acolhida nos seus anseios mais profundos.

O trabalho humano é a forma mais sublime da mulher contribuir com Deus na obra da criação. Tudo o que fere a dignidade da mulher no trabalho contraria o plano do criador e a impede de realizar sua missão de transformação da realidade.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

Constatamos nas relações de trabalho entre homens e mulheres desigualdades marcantes. No que se refere à mulher negra, em especial, as diferenças são notadamente acentuadas.

É necessário portanto encontrar formas de denúncia às situações de injustiça e desigualdade para que sejam assegurados à mulher negra os direitos e garantias necessários à sua condição de mulher e trabalhadora.

Disto decorre:

- Apoiar todas as formas de organizações das mulheres trabalhadoras negras: cooperativas de empregadas domésticas, associações de lavadeiras, faxineiras etc.
- Discutir nos grupos de mulheres negras a questão das leis de proteção ao trabalho da mulher e as omissões a este respeito.
- Tornar conhecidas as conquistas trabalhistas em relação à mulher.

- Denunciar toda forma de discriminação à mulher no trabalho.
- Realizar com as advogadas trabalhistas, especialmente as negras, círculos de debates sobre as leis trabalhistas.
- Fazer uma pesquisa das condições de trabalho da mulher negra, analisando onde elas são mais discriminadas.
- Nas lutas e reivindicações de trabalhadoras, mencionar a situação das mulheres trabalhadoras negras.
- No dia de luta do trabalhador – 1° de maio – denunciar a situação da mulher trabalhadora negra.
- Nas Comissões de Fábricas, CIPA e outros organismos de trabalhadoras, apresentar a situação das trabalhadoras negras no que se refere à segurança e proteção no trabalho.
- A nível dos Agentes de Pastoral Negros:
 - a) analisar o trabalho da mulher negra na Igreja;
 - b) contribuir para que a situação da mulher trabalhadora negra seja discutida a nível dos agentes, para os devidos encaminhamentos.
- E seu grupo, o que sugere?

A mulher negra e a política



A participação política da mulher negra no Brasil vem se dando desde a chegada das primeiras africanas escravizadas. Tal participação tem se concretizado nas lutas de resistência, no apoio moral e material aos homens negros, na recriação das tradições africanas e afro-brasileiras, bem como na defesa de idéias, posições em favor do povo negro e marginalizado.

Todas as mulheres que assumem a vida do seu grupo de raça negra e de classe social trabalhadora, garantindo sua sobrevivência física e cultural, trabalhando para que se imponham enquanto cidadãos, desempenham ação política da mais alta relevância.

Partindo dos quilombos e grupos de resistência, tanto na zona rural como na urbana, temos, por exemplo: *Filipa*, no século XVIII, chefiando, na região Amazônica, um quilombo de mais de 300 pessoas e obrigando os portugueses a aceitar a aliança.

Luiza Mahin, em pleno regime escravista, articulando a revolta dos Malês, em 1835, na Bahia;

Anastácia, mulher escravizada, que resistiu à violação de seu corpo de mulher negra; as anônimas quituteiras que, no período abolicionista, com o tabuleiro de doces e comidas, transportavam mensagens, assegurando a comunicação entre pessoas e grupos; as inúmeras negras avós que, no pós-abolição, enquanto os homens negros dificilmente encontravam emprego, ven-

deram sua capacidade de realizar trabalho doméstico, para manter física, moral e culturalmente seus filhos, seus companheiros, seu povo; as fortes mães-de-santo, como Mãe Menininha do Gantois, que corajosamente enfrentaram as investidas de exterminio às suas religiões, provando com resistência e perseverança o quanto essas religiões também salvam mulheres e homens da desumanização; as militantes dos atuais grupos de movimento negro, que atuam cada vez mais conscientemente enquanto mulheres; as militantes negras nos movimentos populares: associação das empregadas domésticas, das lavadeiras, de moradores, dos sem-teto, entre outros.

A mulher negra se faz presente solidariamente em manifestações reivindicando direitos, sejam organizados pelos grupos a que pertence, sejam por outros. Ela está ligada e filiada aos sindicatos e associações de sua classe trabalhadora; entretanto, em raras oportunidades, ocupa cargos diretos ou assume claramente atitudes de oposição a decisões que a discriminam enquanto mulher e negra. Isso ocorre, até mesmo, em sindicatos e associações representantes de atividades exercidas sobretudo por mulheres: professoras, empregadas domésticas. E naqueles casos em que predominam as negras, embora os cargos diretos sejam exercidos por elas, a postura política que adotam, confirmando as imposições ideológicas da sociedade, com frequência, deixa de contemplar as questões relativas à causa da mulher e da negra.

No interior dos partidos políticos, tem crescido o número de mulheres negras ativas, seja como acessoras, como integrantes dos grupos de negros ou de mulheres. Tal participação, assim como a dos homens negros, pressiona os partidos a encarar os problemas relativos à mulher e ao negro, o que costumam desconhecer.

Difícilmente os negros se fazem eleger para cargos políticos de governo do país, dos estados, dos municípios. Cabe, no entanto, destacar, nos anos 30, Antonieta Barros, escritora e educadora catarinense, primeira mulher negra a ter reconhecida sua participação política na sociedade, ao se desempenhar como deputada constituinte, em 1935; cabe, também, destacar a presença ativa e engajada de Benedita da Silva, no atual congresso.

Na administração do estado e de instituições privadas, públicas ou autárquicas, a presença da mulher negra é quase inexistente, e, quando ocorre, as pessoas procuram valorizá-la, discriminando-a ao dizer que "não parecem negras".

A mulher negra começou recentemente a participar de grupos feministas, reforçando a ação e propostas destes, ao criticar o fato de eles não terem conseguido, por impedimentos ideológicos, vislumbrar que a mulher negra, além de enfrentar opressões como mulher, as sofre como descendentes de negros africanos, ex-escravos, hoje postos à margem da sociedade.

A mulher negra garantiu, no Brasil, as organizações feministas, ao tomar conta, como empregada doméstica, da casa e dos filhos das mulheres feministas, brancas e pertencentes a famílias em situação econômica estável.

O feminismo brasileiro, hoje reforçado pela visão e participação da mulher negra, busca, não diferente do que acontece em outros países, a superação do machismo, o que vai conseguindo, na medida em que as mulheres

adquirem coragem de assumir seu corpo sexuado feminino, valorizando-o e amando-o. Tal atitude assusta os homens que tratam, logo, de se defender com argumentos moralistas. Não é o domínio da mulher sobre seu corpo que o surpreende, mas o questionamento exigente da estrutura de poder da sociedade que o domínio do seu corpo sexuado feminino, pelas mulheres, impõe.

A ideologia feminista, pois, em suas diferentes orientações, busca uma nova estrutura de sociedade.

É nesta linha de luta que se realizou, em dezembro de 1988, em Valença, RJ, o Encontro Nacional de Mulheres Negras, onde ficou decidida a criação de uma COMISSÃO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS.

A vida das mulheres negras tem um sentido marcadamente político. Sentido que torna explícito na ação, sem descanso, interminavelmente renovada no esforço de luta pela libertação do povo negro. E, hoje, renovada na luta para mostrar, aos seus companheiros negros e à sociedade, o que a distingue enquanto corpo sexuado feminino e exigir respeito às dessemelhanças. Dessa maneira vai tomando, engajadamente, o seu lugar de cidadã na sociedade brasileira.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

Como se viu, nós mulheres negras temos sustentado as lutas do povo negro. Entretanto, nosso engajamento não é ocasionado como posição política, nem por nós mesmas, visto que, muito frequentemente, nosso papel é o de executar e apoiar decisões tomadas, em última instância, pelos homens. Nas lutas que ultrapassam a questão negra, nossa posição não é diferente. Muito raramente, estudamos a história de líderes negras, exemplos que podem nos inspirar, a cada vez, com mais segurança, a assumir, em condição de igualdade com nossos companheiros, as decisões que dizem respeito ao povo negro.

Nossa pretensão não é simples de ser alcançada, pois a ideologia machista permeia os pensamentos e ações dos companheiros, e também os nossos. Os movimentos de mulheres, feministas ou não, nos impulsionam.

Então, vamos nos propor a:

- Analisar, nos grupos de mulheres negras, a nossa atuação na sociedade, tomando consciência da "força política que sempre fomos e temos nas mãos". E, a partir disso, discutir maneiras de melhor assumirmos o papel de cidadã.
- Discutir com cientista político, preferencialmente mulher negra, questões de cidadania, de participação político-partidária, de participação na formulação de políticos para o povo negro, especialmente a mulher, com vistas às constituições estaduais e às leis orgânicas dos municípios.

- Buscar informações a respeito dos programas dos diferentes partidos políticos, discuti-los e apresentar, a elas, embora timidamente, propostas.
- Aprofundar o exame e a discussão a respeito da realidade do negro brasileiro, com vistas a um projeto político a nível de sociedade (Queremos uma sociedade que se estruture a partir da "Casa Grande" ou do "Quilombo"?).
- Buscar articulação com diferentes grupos de mulheres negras, para a construção do referido projeto.
- Ter discutido esse projeto com mulheres brancas, com homens negros e brancos, com os demais empobrecidos e oprimidos, na medida que for sendo sistematizado.
- Reunir, com a finalidade de estudá-los, livros e outros materiais sobre mulheres negras; líderes políticos, donas-de-casa, mães-de-santo, escritoras, professoras, auxiliares de enfermagem, lavadeiras etc.
- Registrar história de vida de negras brasileiras e divulgá-las.
- Realizar reflexão sobre o papel político da mulher através de textos bíblicos, por exemplo: as parteiras hebréias (Ex 1,15-22); Livro de Rute, Débora (Jz 4,22 e 5,28-31).
- Que outras sugestões seu grupo apresenta?

A mulher negra e a educação

Tendo a escola o dever de orientar e fortalecer a cidadania é necessário rever seu desempenho em relação à educação da mulher, haja visto o que vem produzindo a educação brasileira, que em sua programação vem refletindo os seguintes aspectos:

Entendendo-se por cidadania o direito de tomar parte nas decisões que afetam os destinos da nação e com seu trabalho vão construindo a nação e sabendo-se que, em nosso país, *nós mulheres e sobretudo a mulher negra, pela falta de oportunidade a educação, pelo preconceito que sofre, pela má remuneração do seu trabalho, longe estamos de gozar da cidadania a que temos direito.*

Nas várias oportunidades de educação a nós oferecidas quer na família, nas creches, nos grêmios escolares, nos movimentos sociais, grupos de jovens, cursos de catequese, jogos, clubes, grupos de vizinhança e outros, há o repasse de uma ideologia machista, assegurando o que a mulher deve ser, como deve viver.

Nós negras não somos incluídas como clientela a ser atendida pelas diferentes formas de educação, pois o horário e as condições de trabalho a nossa disposição nos impossibilitam de participar de modo efetivo.

A seleção de conhecimentos, habilidades e atitudes a serem incorporados pelos alunos são propostos pelas escolas sem que seja discutida uma educação que aborde as questões de dignidade da mulher, deixando transparecer uma educação voltada para manter uma sociedade racista e machista sendo a mulher negra a maior vítima.

As discriminações em salas de aula, através da escolha de alunos brancos para o desempenho de papéis de destaque, reforçam a ideologia de que os mais dotados provêm de raça branca. Este fato comum em nossas escolas trazem como conseqüência a injustiça social manifestada pela realidade sócio-econômica brasileira, *onde nem sempre o saber e a competência são fundamentais ao exercício de certas funções, mas a boa aparência.* Nesse aspecto nós mulheres negras somos afetadas desde a sala de aula por nos ser tirado o

direito de participar de certos papéis importantes pela criança. *Fora da escola, quando concorremos no mercado de trabalho, somos rejeitados mesmo que preenchamos todos os requisitos exigidos, por não apresentarmos boa aparência, critério exclusivo das mulheres brancas.*

Alguns professores vêm refletindo sobre este aspecto, porém a prática em nada se alterou e permanece o silêncio.

As dificuldades de acesso da mulher, especialmente a negra, a nível de ensino mais elevado, como o 2º e 3º graus, são demonstradas por dados levantados a nível de país:

**dos 90% das mulheres negras que concluíram o primeiro grau, apenas 1% chegou à faculdade;
48% de todos os analfabetos brasileiros são mulheres negras.**

A posição conservadora da escola e dos professores na produção de um saber predeterminado pela hegemonia branca dominante desconhece a importância da cultura do povo negro descendente de africanos, reduzindo esta cultura ao folclore.

Na conquista de uma educação que se proponha a mudanças efetivas requer escolas que reflitam com criticidade sobre pontos tais como:

- O repasse de uma ideologia machista por professores onde a maioria é do sexo feminino tem sua explicação entre outras por se tratar de uma sociedade de acentuada dominação, onde o oprimido repassa a ideologia do opressor.
- O papel da mãe substituído pela babá e/ou doméstica, na maioria das vezes negra, à medida que desempenham as funções de dona-de-casa e cuidam das crianças repassam a elas parte de seu modo de ser, sua fala, seus costumes, enfim, participam do processo informal da educação dessas crianças.
- O encaminhamento às profissões destinadas a alunos do sexo feminino por serem consideradas profissões para mulheres, prejudicando a capacidade de iniciativa, reforçando a ideologia machista e fortalecendo a discriminação da mulher. Como reforço ao processo discriminatório a escola utiliza livros didáticos, cartazes, vídeo-teipes onde os estereótipos sexuais e raciais demonstram o propósito de manter uma situação de dominação sobre a mulher e os negros, deixando claramente nossa situação de mulheres negras nas mais submissas e humilhantes posições.
- O tipo de escolas acessível à mulher pobre, onde a maioria é negra, apresenta precárias condições físicas, materiais e pedagógicas, onde o horário disponível a elas é quase sempre noturno. Outra situação séria é a aprovação de alunos sem aproveitamento devido pelo descaso dos professores, o que compromete o futuro desses alunos.

Constituem formas alternativas de educação diante da situação aí existente as escolas comunitárias onde o espaço às comunidades negras é aberto à discussão de suas questões, podendo reivindicar melhor nível de ensino para a sua família, a exemplo do que vem ocorrendo na Bahia (Calabar e Novo Alagados), na Rocinha no Rio de Janeiro e em alguns bairros de periferia em São Luís do Maranhão.

Tudo o que se viu até aqui demonstra que a educação da mulher e em especial da mulher negra em nossa sociedade apresenta-se contraditória ao plano de Deus que declara a igualdade de tratamento ao homem e à mulher.

Jesus assume esta opção e realiza o Plano de Deus, tendo mulheres no seu grupo de seguidores (Lc 8,1-3). Dá a elas o lugar de discípulas, de ouvintes da Palavra, como nos relata o texto da visita de Jesus à casa de Marta e Maria (Lc 10,3).

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

- Criteriosa revisão nos centros de formação de professores, retomando a questão da dignidade da mulher, redescobrimo e fortalecendo os valores da mulher negra, através da sua verdadeira história.
- Estudo e inclusão da arte e da cultura negra nas festividades escolares e cultos religiosos.
- Promover intercâmbio de materiais produzidos pelos grupos e movimentos de negros com as instituições escolares.
- Organizar grupos de mães, pais e professores para discutirem as questões de educação refletindo os processos de discriminação sobretudo em relação aos estudantes negros, na tentativa de contribuir para um real processo participativo no sistema educacional.
- Analisar e discutir a posição do negro nos livros didáticos, no sentido de fornecer às crianças negras materiais que lhes permitam desenvolver suas potencialidades fazendo-as conhecer os valores de seu povo.
- Estimular a realização de estudos e debates de questões relacionadas à discriminação da mulher, destacando a mulher negra, incluindo nestas promoções pessoas negras e brancas, mulheres e homens.
- Que os Agentes de Pastoral Negros marquem presença ativa nos movimentos de reflexão e discussão sobre a discriminação da mulher, enfatizando especialmente a condição da mulher negra na sociedade.

A mulher negra e a cultura



A cultura é o jeito, o modo de ser de um povo, o conjunto de valores por ele vividos, sua religião e costumes diversos.

O Brasil viveu e vive um processo de dominação cultural. No início de sua história, a cultura branca trazida pelo colonizador se sobrepuja e destrufa tanto a cultura dos diversos grupos de índios que aqui já habitavam, como dos negros para cá trazidos como escravos.

Hoje esta mesma cultura continua sendo dominante, aliada aos interesses da burguesia nacional e interesses transnacionais e divulgado pelos meios de comunicação social que estão nas mãos destes mesmos grupos.

A ciência e tecnologia, pouco valorizada e incentivada por parte do próprio governo, são setores dominados por homens e quando muito por algumas poucas mulheres brancas. O número reduzido de mulheres negras atuando nesta área, vamos encontrar realizando pesquisas nas ciências humanas e religiosas. As que têm formação na área de tecnologia encontram dificuldade para conseguir emprego e quando conseguem a tendência é encaminhá-las para as funções burocráticas.

Quanto à produção artística, há mulheres negras de grande talento que precisariam das condições necessárias para se desenvolver e aperfeiçoar. Cabe entretanto ressaltar que a arte valorizada é a que se aproxima do padrão preestabelecido pela dita "elite cultural" olhando-se com desprezo a produção de cunho popular.

Permanecem porém focos de resistência nos quais a mulher tem um papel de fundamental importância. *Ela guarda, preserva as diferenças culturais existentes neste imenso país, sejam diferenças regionais, sejam dos grupos étnicos e raciais. É o modo como se faz o pão, o chá, as orações, rezas, tríduos e novenas, os costumes das festas de cada santo e o encontro da família que por vezes acontecem nestas mesmas festas.*

Dada a perseguição, ameaça de descaracterização e manipulação da qual sempre foi vítima a cultura negra, é de se destacar a importância de nós mulheres negras na preservação e transmissão dos valores culturais de nosso povo.

Uma cultura que, embora seja patrimônio do povo negro, por sua força e resistência muito já passou como herança cultural para todo o povo brasileiro. Cabe salientar que isto é encoberto na sociedade que manipula estes valores, deles se apropria, não os reconhecendo como provenientes do povo negro.

A mulher negra se utilizou das circunstâncias históricas que a oprimem, como lugar e meio de resistência e manifestação cultural. A ama-de-leite que ao contar histórias para a criança branca, fosse embalando-a para dormir, fosse como passatempo, contava-lhe as suas histórias. Os costumes, músicas, comida, vestimentas, que negros e negras traziam em seu corpo, por mais espancado e destrutado que fosse, ele os carregava consigo para a Casa Grande. A religião, centro dinamizador que dava e continua dando sentido à nossa vida, por mais que tenha sido perseguida, não foi destruída. Buscamos formas novas e criativas de recriá-la, mediante as novas circunstâncias a que fomos submetidos. Hoje ela permanece como um dos sinais fortes de nossa resistência. A forma como encaramos a morte, a presença permanente de nossos ancestrais nos dão força para levar adiante nossa luta de libertação. A idosa, o idoso em nosso meio são respeitados como presença de sabedoria, portadores de nossa história e tradição.

Esta resistência cultural é característica da comunidade negra, da mulher negra. No contar a história e as histórias, no cantar, tocar atabaque, jogar capoeira (espaço que vem sendo assumido pelas mulheres), no pentear e trançar cuidadosa e carinhosamente o cabelo umas das outras, no gingado natural que passa de mãe para filha, na agilidade dos pés e de todo corpo ao dançar e sambar, em tantos outros gestos, é esta cultura que está se firmando e assim permanecendo imortal. Na nossa resistência percebemos a força e a presença de um Deus que faz história conosco. Mas "como cantar a Deus em terra estranha"? Como cantar um canto negro longe da mãe África? Como tocar os atabaques, dançar em nosso ritmo se sobre nosso corpo e nossa gente pesam a dominação e exploração? À beira dos rios do Brasil nos debruçamos a chorar

com saudades da mãe África (SI 137). A mãe África hoje simboliza para nós uma terra liberta, onde tenhamos as condições necessárias para uma vida digna, onde sejamos respeitadas em nossas diferenças e possamos viver nos valores e cultura.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

Nos últimos anos, percebemos em vários grupos (negros, mulheres, índios etc.) a busca de recuperação da própria identidade. Esta será uma das bandeiras de luta levantada pelo movimento negro e se apresentará de forma diversa de acordo com a história e objetivos de cada grupo. Para nós, Agentes de Pastoral Negros, ela vai unida ao elemento religioso, motivado pela nossa fé.

É importante encarar este resgate cultural dentro de uma perspectiva de transformação das estruturas sócio-política e econômica; ao mesmo tempo perceber as limitações de muitos grupos populares e partidos no que diz respeito à importância do aspecto cultural no processo de transformação social.

- Recuperar os elementos culturais característicos de nosso povo negro e da comunidade local.
- Utilizar da criatividade que temos e buscar informações para recuperar nosso modo próprio de pentear, vestir, enfeitar...
- Incentivar trabalhos de criatividade em nossos grupos: música, desenho, bordado, pintura, confecção de bonecas negras e outros trabalhos artesanais que nos são característicos.
- Organizar-nos e lutar para que nas escolas e outras instituições seja respeitada, valorizada e promovida a cultura negra.
- Levar a discussão da questão cultural para outras organizações populares (associação de moradores, por exemplo) e para o interior dos partidos.
- E o seu grupo o que sugere?

A mulher negra e a família

A presença de nós mulheres negras na família está marcada por uma rígida determinação de papéis que a família brasileira apresenta. O modelo familiar que é imposto é o da família nuclear, formado pelo pai, a mãe e os filhos. Este é marcadamente patriarcal, branco de classe média-alta, reconhecido como oficial e veiculado nos meios de comunicação. Nele cabe à mulher os cuidados da casa, educação dos filhos, ser amparo e compreensão para o marido. É esta uma característica que vai recebendo nuances diferentes conforme a classe social, o grupo racial ou étnico ao qual se pertence.

O modelo "família nuclear" vem sendo questionado pela tomada de consciência de nós mulheres negras e as mulheres em geral. As necessidades econômicas que exigem nossa saída do lar para trabalhar e assumir ora com o marido, ora sozinha o sustento da casa, vem colocando-o em crise.

Multiplicam-se os casos de mulheres buscando formas alternativas e criativas de ajudar ou assumir a economia do lar. Em tal situação encontra-se a grande maioria das mulheres negras.

Torna-se cada vez mais freqüente a presença de mulheres "responsáveis pela manutenção da casa". Separadas de seus maridos, viúvas, ou abandonadas por eles, devem assumir sozinhas desde a educação dos filhos até a busca do necessário para a sobrevivência da família. Seus filhos ficam em situação de desamparo e com isso aumentam o número de meninas que com menos de 11 anos de idade assumem o serviço de casa e o cuidado dos irmãos.

Nas relações familiares a mulher permanece como a catalisadora das tensões e problemas. Só a ela é atribuído o dever de ser compreensiva, amenizar os conflitos, manter uma harmoniosa relação conjugal, pensar em todos e por último em si mesma. Os problemas decorrentes da educação dos filhos e filhas são a ela atribuídos. Nos casos de crises maiores, que chegam à separação do casal, as cobranças maiores recaem de forma mais incisiva sobre a mulher.

A relação de dominação homem-mulher marca toda a história de vida das mulheres. Para nós, mulheres negras, esta dominação é acirrada na relação brancos e negros. Mulheres negras, nos apresentamos, na maioria das vezes, como submissas, mudando apenas de "senhores": dominadas pelo pai, passamos a ser dominadas pelo marido e por último pelos próprios filhos. Isto que ocorre na relação familiar vai se estender nas outras relações na sociedade. Porém tal dominação tem uma de suas fortes raízes na própria educação familiar onde as mulheres também são responsáveis. Há uma educação diferenciada para filhos e filhas. As meninas já são educadas para a submissão, para fazer companhia para a mãe em casa, para os serviços domésticos, com orientação para o exercício de determinadas profissões "ditas femininas". Os meninos educados para serem servidos pela mãe, pelas irmãs e futuramente pela companhia; insensíveis, não emotivos — "menino não chora" — orientados para profissões onde se valoriza a força, o poder de mando, o "raciocínio" que ideologicamente afirmam ser próprio do masculino. A própria educação sexual dirigida a ambos é contraditória, na medida em que exige só da menina guardar-se, a "fidelidade", enquanto que para meninos prega a iniciação prematura à vida sexual ativa, portanto o descompromisso, a irresponsabilidade. Estes aspectos são veiculados e, portanto, reforçados pelos meios de comunicação que têm uma forte influência na formação e educação familiar, como já foi dito anteriormente.

Ainda em relação à educação, a mulher negra, quando realiza um casamento com homem branco (casamento misto), encontrará muitas vezes dificuldades na educação de suas filhas e filhos que certamente oferecerão diferente pigmentação de pele. Um fato que aparece secundário mas que será conflitivo na medida em que a mulher negra se dispõe a levá-los a assumir o lado de sua identidade negra.

A família, além dos aspectos aqui retratados, traz outros particulares que necessitam ser destacados. Primeiramente a própria concepção de família, diferente da "família nuclear", é, na maioria das vezes, o que se tem chamado "família extensa". Ultrapassa os laços de consangüinidade e o espaço físico onde se mora. Nela, outros parentes, tios, mesmo distantes, agregados, padrinhos, madrinhas, vizinhos, participam diretamente. Muitos moram juntos, num mesmo espaço, e o quintal, o terreiro é o lugar de encontro. Nossas famílias sofreram desde o princípio de sua história no Brasil uma experiência desastrosa de separação de seus membros. Vindos da África, feitos escravos, éramos vendidos como peças sem se levar em conta os laços familiares, a língua comum, os costumes, a religião que nos unia. Esta separação imposta pelo sistema econômico-político da época foi uma tentativa, nem sempre bem-sucedida, de desmobilização e enfraquecimento de nossas possibilidades de organização e luta. Por família no período colonial, durante muito tempo e ainda hoje, se entendeu e se entende a presença da mulher negra, seus filhos, filhas, outros parentes, sem necessariamente a permanência do elemento masculino. Na família extensa é pois a mulher quem na maioria das vezes assume a liderança familiar. Uma liderança que não é imposta nem predeterminada, mas, pode-se dizer, carismática, surgida no próprio grupo. Os laços familiares permanecem pois de singular importância para nós. *Na medida em que cresce a consciência de nossa negritude, amplia-se este conceito*

de família. Isto nos leva a falar em "família negra" ou "comunidade negra" referindo-nos à população negra do Brasil e até de outros países e continentes, todos os descendentes da mãe África.

Uma outra forma de organização familiar importante para nós negros e negras são as comunidades de terreiro, que de alguma forma se aproximam das chamadas "famílias extensas". Reunidos em torno de uma mãe-de-santo, como acontece na maioria das vezes, ou de um pai-de-santo, se estabelece entre esta mãe-de-santo, os filhos-de-santo e outros achegados a casa uma relação verdadeiramente familiar. Alguns chegam a morar num mesmo espaço geográfico. É uma família, sempre aberta para acolher os que dela se aproximam, indiscriminadamente. Ali são respeitados, buscam suprir as necessidades uns dos outros, sejam elas necessidades de ordem espiritual ou material. São cultivados com carinho nossas tradições. As funções de mãe-de-santo são abrangentes. É uma maternidade desdobrada: ela é que preside as celebrações, é também mãe conselheira, guia, liderança política. Os orixás, como todos os demais ancestrais, fazem parte da família.

Um olhar sobre a Palavra de Deus e uma releitura a partir de nosso contexto de mulheres negras oprimidas nos leva a encontrar nas primeiras páginas da Bíblia reflexões que iluminam a relação mulher-homem e de certa forma a vida familiar. São os capítulos 1 e 2 do livro do Gênesis, embora durante muito tempo se tenha feito uma interpretação machista destes mesmos textos. Não nos cabe aqui um estudo aprofundado do tema, se bem que reconhecemos ser de grande necessidade. Porém queremos lembrar:

- Partindo do texto mais antigo, Gn 2: Deus é o criador; Ele cria a humanidade: mulher e homem. O homem não participa da criação da mulher (está em sono profundo), portanto não tem poder sobre ela. Criada de seu lado, ambos são chamados a uma relação de companheirismo e reciprocidade. O matrimônio, a união homem-mulher, é algo querido por Deus, parte de seu Projeto Criador, de seu Plano de Amor.
- Gn 1: O mundo é como uma casa que vai sendo preparada para receber o ser humano mulher e homem, criados à "imagem e semelhança de Deus". Ora, o Deus que cremos não é solitário, dominador. É um Deus relação que é Trindade, que é companheiro, solidário. Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo; três pessoas que se respeitam na diferença, se amam e se relacionam vivendo assim em profunda unidade. Mulher e homem — ser "imagem e semelhança de Deus" é buscar esta relação de comunhão e amor, que é por si fecunda e, desta forma, um sinal, um sacramento do próprio Deus.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

Com os demais temas relativos à mulher negra, a busca de superação deste tipo de relação passa por momentos de discussões específicas entre nós mesmas. Por outro lado será também indispensável a discussão seja com nosso companheiro de vida, seja com nossos companheiros dos grupos de negros

e de outras militâncias. Algumas mudanças só as conseguiremos a longo prazo, dado o peso do passado histórico cultural e sua influência hoje na forma de organização da família e da sociedade. Outras a médio prazo e outras ainda quem sabe não está na hora de acontecer (era para acontecer ontem!). O importante é não perder de vista o que queremos e não ter medo de dar o passo, embora seja sofrido e às vezes nos pareça ser um pequeno passo. Não esquecer nunca que não estamos sozinhas, há outras companheiras lutando e acreditando conosco!

- Fazer um levantamento no grupo, junto com as demais companheiras, das dificuldades e problemas que você encontra no relacionamento familiar. Discutir juntas sobre as pistas para enfrentá-los. O problema de uma mulher dá força e ilumina o problema da outra.
- Procurar conhecer e aprofundar as diferentes formas de organização familiar na Comunidade Negra.
- Dar força, ser presença amiga na vida das mulheres negras e brancas que sofrem no relacionamento familiar, quantas delas vítimas até de espancamento pelo marido. Ser solidária buscando formas de ajuda concreta.
- Discutir a educação de filhos de casamento misto uma vez que vem crescendo esta preocupação.
- Estudar com seu grupo os direitos da mulher em relação à família assegurados pela atual Constituição. Buscar maiores informações se possível com advogadas negras.
- Participar com as demais mulheres nas lutas por creche.
- Procurar saber se há em sua região, cidade, Delegacia de Mulheres e quem sabe lutar por isso junto às outras mulheres.
- Discutir com os companheiros Agentes de Pastoral Negros este assunto. Procurar perceber as limitações e os avanços que vamos dando nas relações familiares como negros e negras comprometidos com a luta de libertação, com uma sociedade nova.

A mulher negra e a saúde

As mulheres, e em especial nós, mulheres negras, temos desempenhado importante papel na saúde do povo brasileiro. Basta lembrar de nossa atuação como parteiras leigas, amas de leite, benzedeiras, enfermeiras etc.

Os dados disponíveis têm provado que a maioria dos profissionais da área de enfermagem no Brasil é constituída de mulheres, e, nos níveis em que é exigida menor qualificação, atendente e auxiliares, o número maior é de mulheres negras. Ao se referir à classe médica esse número diminui. Os homens médicos são maioria.

Justifica-se que o trabalho de atendente de enfermagem é ocupação acentuadamente feminina pela maneira afetiva e dócil de tratar o doente. No entanto há provas de que esta prática é mais uma manifestação de racismo, devido à resistência ao horário de trabalho e à locomoção do paciente.

Queremos lembrar que apesar de nossa disponibilidade para servir na área de saúde os serviços de assistência à nossa saúde são ainda precários, o que vem provocando um grande número de mortes em mulheres com doenças facilmente curáveis, como infecção ginecológica, displasias mamárias, corrimentos vaginais e outras, que se não tratadas em tempo resultarão em câncer. Outras doenças são provocadas por subnutrição, stress, neuroses, esgotamento físico e mental, hipertensão e até mesmo por abortos mal orientados.

O aborto quando em mulheres pobres e negras é percebido e tratado de modo pejorativo pela maioria dos médicos que, sem exames criteriosos, emitem diagnóstico infundado, incriminador e humilhante em nada contribuindo para a melhoria da saúde, deixando traumas profundos.

Outro aspecto importante numa abordagem sobre a mulher e a saúde é a visão que muitas de nossas companheiras demonstram em relação à concepção, gravidez e parto. Umass assumem a gravidez com acanhamento, outras a encaram como período frustrante, para muitas o parto é doença séria e complicada. Enfim, a poucas mulheres são dadas condições de sentir na maternidade o aspecto sublime e humano, algo importante no plano de Deus.

Estas maneiras deturpadas de entender a maternidade são efeitos e não causas. Decorrem de situações de angústias vividas na família e, em casos não muito raros, por rejeição da mulher pelo marido durante o período de gravidez, resultando muitas vezes em infidelidade conjugal, por parte do marido. A omissão e a não participação do companheiro nesse momento em que a mulher necessita de apoio afetivo, não só por ela mas também pelo filho que é de ambos, pode tornar a gravidez um período de profundos sofrimentos.

Além dessas referências vale ressaltar os vários e sérios problemas sócio-econômicos que afetam as mulheres trabalhadoras durante a gravidez, no parto e após o parto.

Diante dessas situações faz-se referência ao descaso dos serviços de saúde promovidos em âmbito nacional, nas áreas estaduais e municipais, para as quais os servidores contribuem com um percentual de seu salário exigido por lei, sem que lhes sejam assegurados na prática os benefícios a que têm direito.

Felizmente tem-se constatado em nós mulheres a capacidade associada a elevado nível de criatividade e iniciativa que tem favorecido a criação e descoberta de formas alternativas de tratamento. *Destacamos nessa prática a sabedoria, a fé e a resistência da mulher negra na cura das doenças através das orações, dos chás e de outras práticas por nós vivenciadas.*

Percebemos em Jesus um grande carinho e atenção em relação aos doentes e às mulheres doentes. A cura deles é um dos sinais da chegada do Reino. Dentre as muitas curas realizadas por Jesus, vale aqui destacar:

- Cura da mulher que sofria grande hemorragia (Mc 5,21-34).
- Cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31).
- Cura da mulher encurvada no dia de sábado (Lc 13,10-17).

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

Diante das precárias condições de saúde a que muitas de nós estamos submetidas e dado o difícil acesso aos serviços de saúde estaduais e municipais, sugerimos que sejam encaminhadas as seguintes providências pelos grupos da comunidade, organizados para tal finalidade:

- Fazer um levantamento das doenças mais comuns que atacam a mulher, verificando se as formas de tratamento utilizadas estão atendendo as necessidades.
- Promover trocas de experiências sobre o modo como vêm sendo utilizados pela comunidade os serviços de Saúde Pública, estimulando a reivindicação devida caso seja necessário fazê-lo.
- Reservar espaços onde homens e mulheres negras discutam assuntos como: concepção, gravidez, parto, aborto e outros, incluindo as consequências que decorrem do não assumir do homem em casos dessa natureza.

- Manter contatos com médicas ginecologistas e pediatras no sentido de promover palestras e ciclos de estudos que orientem as mulheres nas questões específicas de sua saúde.

A mulher negra e os meios de comunicação social

A imagem de mulher veiculada nos meios de comunicação seja por meio de revistas, novelas, propagandas, filmes, programas humorísticos e outros, cria, reforça e atualiza os preconceitos e discriminações impostos sobre nossa pessoa. Somos apresentadas numa relação de dependência e submissão ora provocada pelo fator econômico, ora pela fragilidade, sensibilidade e emotividade que ideologicamente nos são atribuídas. Somos aquelas que não sabem, não entendem, não podem. Nossas atitudes e decisões têm sempre que ser legitimadas pela presença masculina e é esta que possibilita nossa ascensão, um status social. Tidas como ignorantes, o único valor que apresentamos é a beleza, o corpo.

Numa sociedade capitalista como a que vivemos, onde tudo está subordinado ao lucro e ao consumo, este nosso corpo é altamente explorado, manipulado. Torna-se mais uma mercadoria para atrair outras. A sociedade constrói imagens consideradas ideais e estas se impõem como modelos a serem imitados. Assim, o ideal de beleza da mulher apresentado é a mulher branca. Esta corresponde aos padrões estabelecidos pelos mesmos meios de comunicação e pela sociedade de modo geral. Isto cria uma séria crise de identidade para muitas mulheres negras, que quando não conscientes destes mecanismos de dominação lançam mão de procedimentos que provocam o embranquecimento, buscando assemelhar-se seja nos possíveis traços físicos, seja nos aspectos comportamentais, à mulher branca.

Este é o modo de ser aceito na sociedade e torna-se critério muitas vezes para se conseguir emprego ou frequentar determinados ambientes. Nos meios de comunicação, quando somos apresentadas, estamos sempre ligadas às profissões desvalorizadas pelo sistema, tidas como subalternas.

Nas poucas vezes que somos incluídas num grupo maior, aparecemos em segundo plano, quase despercebidas. Nosso corpo é manipulado, aproveitado na medida em que corresponde ao mito criado em torno de nós — "a mulata tipo exportação".

A música popular brasileira, a literatura, vem reforçando tal imagem. Exploram o aspecto afetivo, amoroso, sexual mas pouco ou nada dizem de nós mulheres negras como sujeito histórico, presença dinamizadora na sociedade. Em relação à nossa história de negros e negras a forma de abordar as questões levantadas não são sob o nosso ponto de vista. Há por vezes uma preocupação em pesquisar sobre o negro, mas estes trabalhos, embora de qualidade técnica, ideologicamente reforçam uma relação paternalista de brancos sobre negros.

O corpo, o rosto da negra e do negro, lugar de expressão e manifestação da beleza, da ternura e criatividade de Deus é hoje desrespeitado, desvalorizado, violentado em sua dignidade pelos meios de Comunicação Social.

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

A forma como estes incrementam uma relação racista e machista deve ser por nós denunciada.

- Assistir junto com seu grupo Programas de Televisão, Rádio, ler artigos de revistas e jornais sobre mulher, mulher negra e discutir as imagens que eles transmitem. Ver formas concretas de protesto e busca de mudança desta situação.
- Lutar por leis e exigir seu cumprimento no que diz respeito à discriminação da mulher e do homem negro nos Meios de Comunicação Social.
- Conversar com jornalistas preferencialmente negras para discutir a importância de seu papel na transformação desta realidade.
- Buscar na comunidade formas alternativas de comunicação das próprias notícias e informações de interesse do grupo.

A mulher negra e a igreja

A Igreja se define como sendo a comunidade dos seguidores de Jesus Cristo. Onde todos são irmãos, filhos do mesmo Pai, no entanto as diferenças são visíveis. E com relação a nós mulheres negras, ou melhor, a todos nós descendentes de africanos, a fraternidade não foi praticada por muito tempo, e ainda hoje sofremos discriminação em vários setores da Igreja, que de várias formas a percebemos. Enquanto mulheres e negras, temos uma fé, nossa espiritualidade é dinâmica, vivemos de forma criativa nossa religião.

Se recorremos à Bíblia, aos Evangelhos, encontramos mulheres como as primeiras testemunhas do fato mais importante de nossa fé, a RESSURREIÇÃO. Hoje continuamos a anunciar a presença viva de Jesus. É nas Ceb's o novo jeito que o povo empobrecido encontrou para SER Igreja comprometendo-se com o projeto de Deus Pai. Somos nós mulheres que basicamente as sustentamos com nossa presença, esforço e trabalho. Com vigor apressamos o processo de transformação do ser humano em imagem e semelhança de Deus, bem como a construção do Reino. É junto aos empobrecidos o lugar messiânico, que nós mulheres mantemos viva a Esperança em meio a tanta desesperança.

Entre as mulheres nas Ceb's constatamos que um grande número são as negras que assumem as lideranças e acompanham a caminhada. Mas quando a comunidade deve ser representada junto a outros grupos maiores ou em encontros são os homens que aparecem, desculpando a ausência da mulher em virtude de suas responsabilidades com as tarefas de casa. Percebe-se a presença da mulher em todos os lugares em que a vida está sendo ameaçada. A luta pela terra, saúde, moradia, saneamento básico, etc., vem sendo assumida pelas mulheres com criatividade, na certeza de estarmos participando, dando continuidade ao Projeto Criador de Deus.

Podemos notar também nas comunidades em épocas de festas quando mulheres e homens participam da organização, na tradicional distribuição das tarefas as "nobres" ficam com os homens.

Mas as coisas também podem mudar. A mulher negra, a partir de sua participação ativa na Igreja e de reflexões junto à comunidade negra, vai tomando consciência de sua negritude e com isto encontra uma forma de reivindicar seus direitos e de seu povo. E seu jeito de SER, seu corpo, seu gingado, sua espontaneidade, vão trazendo um novo jeito de celebrar o Deus da Vida. *Com os companheiros negros trazemos a festa e a beleza nas liturgias, a cor e cor negra ao branco dos altares e assim vamos aos poucos transformando as estruturas da Igreja.* Esta luta de mulheres e homens negros com relação a uma celebração-vida e vida de negros vem aparecendo bem forte em nosso país nos últimos anos a partir dos Agentes de Pastoral Negros.

As dificuldades que a mulher encontra na sociedade aparecem muitas vezes dentro da Igreja e das Congregações Religiosas. Olhando a mulher na história da vida religiosa, vemos o quanto foi masculinizada e clericalizada, mas o tempo e o povo nos vão fazendo ver o verdadeiro sentido da vida consagrada, e nos aponta o caminho da radicalidade evangélica. Hoje podemos dizer que a mulher deve assumir dentro da Igreja o seu lugar. A prática junto ao povo exige da religiosa uma postura indiferente e vai lhes conferindo um novo lugar na Igreja, — leva-as a um compromisso nas decisões pastorais e perante os ministérios. Hoje a Vida Religiosa é questionada pelo povo pela própria História. Nesta caminhada vão-se transformando aos poucos a estrutura das congregações. Para a mulher negra esta história tem algo a mais. Havia regulamentos declarando que as candidatas à Vida Religiosa deveriam ser brancas e em alguns casos deveriam apresentar provas de "limpeza" de sangue, ou seja, não descendentes de "cristãos novos", ou de raça dita infecta, isto é, de negros ou índios. Um dos argumentos era que nós éramos demasiadamente propensas à luxúria. Hoje encontramos na maioria das congregações femininas uma formação rígida para a vida religiosa marcada por uma estrutura branca européia e masculinizada. Isto dificulta o ingresso e a permanência das jovens negras nas instituições religiosas. Quando a jovem permanece e assimila esta formação ela é levada a perder os valores de sua cultura, isto muitas vezes faz com que a religiosa negra se acomode. Quando ela descobre que o ser humano precisa de suas raízes, de seus valores para viver bem os valores do Reino e ser fiel ao chamado de Deus e compromisso com seu povo, e tenta conciliar a formação e o seu ser negra mediante a opção de vida religiosa, não é compreendida e a solução por parte da instituição é eliminá-la, porque abrir-se para o novo é exigente, disse Jesus a Nicodemos.

Assim como a presença da mulher sempre foi importante aos olhos de Deus para a construção do Reino, será também para o povo negro aquela que os levará a cantar a alegria de encontrar o seu lugar na Igreja e nas congregações, continuando no compromisso religioso e étnico ao qual foi chamada, sobretudo por ser resíduo de uma história desumana e que sente na pele as marcas dos sofrimentos.

Por ser mulher, em qualquer religião somos discriminadas, em algumas menos, em outras mais, porém sempre se está reproduzindo o que a sociedade quer. No entanto o ecumenismo popular, a vivência da fé a partir da vida quebra as doutrinas de qualquer religião que constituem barreiras para uma relação ecumênica verdadeira. Isto se dá através das mulheres que se dispõem a lutar contra o que corrompe o ser humano, exigindo os direitos

nas várias organizações que têm como objetivo uma sociedade justa. Celebramos as vitórias, e juntas vamos proclamando nossa fé no Deus da Vida.

Nas religiões afro-brasileiras que ainda mantêm suas tradições, as mulheres têm uma participação marcante. Exercem funções fundamentais, possuem poder de decisão, são na sua maioria ponto de convergência. Grandes são os valores da vida transmitidos pelo Criador através da mulher que por sua vez é expressão de feminilidade nas religiões afro-brasileiras. Nesta vida toda vitória é fruto de uma luta, de um trabalho, de um ideal a ser alcançado, por isso não podemos esquecer de nossas mártires negras: Margarida, Luíza Mahin, Zeferina, Anastácia, Filipa e outras. São mulheres que regaram com seu sangue a história do povo negro, assassinadas por causa de seus anseios por uma sociedade fraterna. Este sangue derramado fortalece e encoraja a luta das mulheres *mártires vivas*, mas com seus filhos, filhas e esposos *também martirizados pela mesma causa, elas, como Maria, a Negra Mariama, encorajam toda a comunidade negra na caminhada rumo a Novos Quilombos.*

DIANTE DISSO, O QUE FAZER?

A Igreja primitiva conseguiu colocar em prática, em boa parte, a mensagem libertadora de Jesus a respeito da mulher. Apesar de todo peso da tradição judaica e da cultura greco-romana, a mulher participava ativamente das atividades da comunidade eclesial e da evangelização, exercendo ministérios oficialmente reconhecidos. A participação da mulher é confirmada no Novo Testamento em vários lugares, onde podemos encontrar mulheres profetisas, missionárias, animadoras de Igrejas, diaconisas etc. É certo também que o batismo dá a possibilidade para as mulheres participarem com todos os direitos na atividade eclesial.

- Por isso podemos fazer uma pesquisa nas paróquias e comunidades e ver como se dá a participação das mulheres e em particular da mulher negra no processo de evangelização.
- Fazer um levantamento de quantas religiosas negras há na diocese que pertencemos e quais as atividades pastorais que elas exercem e suas funções dentro da congregação e comunidade religiosa.
- Em grupos de mulheres e mulheres negras em particular, provocar um debate sobre a presença da mulher negra na Igreja.
- Celebrar o dia 12 de outubro, dia de Nossa Mãe Negra Mariama, na paróquia, comunidade ou no grupo de Agentes de Pastoral Negros, ofertando a Deus a beleza e o Axé da mulher negra: corpo, voz, dança, luta, resistência, canto etc.
- Procurar conhecer as mulheres negras martirizadas e torná-las conhecidas como símbolo de resistência.
- Outras formas de ser mulheres ativas fica a cargo do grupo.

Bibliografia

Algumas referências bibliográficas sobre a mulher negra:

- ALBORNOZ, Suzana. *O Que é o Trabalho*. São Paulo, Brasiliense, 1988, 3a. ed.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *O Feitor Ausente*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- ASETT (Associação de Teólogos do Terceiro Mundo). *A História e a Fé do Povo Negro no Brasil e na América Andina*. São Paulo, 1988. Apostila mimeografada em conjunto com "Quilombo Central – Agentes de Pastoral Negros".
- AUGRAS, Monique. *O Duplo e a Metamorfose: A Identidade Mítica em Comunidades Nagô*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- BARREIRO, Álvaro. *Comunidades Eclesiais de Base e Evangelização dos Pobres*. São Paulo, Loyola, 1977.
- BRUNELLI, Delir. *Libertação da Mulher: Um Desafio para a Igreja e a Vida Religiosa*. Rio de Janeiro, Conferência dos Religiosos do Brasil, 1988.
- CARNEIRO, Sueli & SANTOS, Thereza. *Mulher Negra: Política Governamental in Mulheres Negras*. São Paulo, Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985, p. 10-54.
- CEHILA (Comissão de História da Igreja na América Latina). *A Vida Religiosa no Brasil*, 1985.
- CEHILA POPULAR. *A História dos Africanos na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). *Ouvi o Clamor deste Povo*. Brasília, 1988.
- COMISSÃO DOS RELIGIOSOS NEGROS. " *Ouvi o Clamor deste Povo...*" Negro. Petrópolis, Vozes, 1988.

- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER. *Guia de Defesa das Mulheres contra a Violência*, Brasília.
- DREHER, Carlos A. *Escravidão e Escravos na Bíblia*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- DUFOUR, Léon et Alii. Bíblia, Igreja e Escravidão, in *Revista de Cultura Bíblica*. São Paulo, Loyola, n° 28, 1983.
- FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida & MAGALDI, Ana Bandeira de Melo. Quitandas e Quitutes in *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. São Paulo, n° 54, agosto de 1985, p. 50-61.
- FIORINZA, E. Schüssler et Alii. A Mulher – Invisível na Teologia e na Igreja in *Revista Concilium*. Petrópolis, n° 202 (6), 1985.
- FIORINZA, E. Schüssler. Mulher, Trabalho e Pobreza in *Revista Concilium*. Petrópolis, n° 214 (6), 1987.
- FISCHER, Zélia. *Mulher e Maturidade Cristã*. Porto Alegre, V Encontro Regional de Mulheres Cristãs, 1985.
- FRAGOSO, Dom Antônio Batista. *O Grito de Milhões de Escravas – A Cumplicidade do Silêncio*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- GIACOMINI, Sônia. *Mulher e Escrava*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- GRUPO CERES. *Espelho de Vênus – Identidade Sexual e Social da Mulher*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- MASCARELLO, Maria Siczkowska. *O Econômico e a Identificação de Sagrado e Autoridade*. Porto Alegre, I Encontro Regional de Mulheres Cristãs, 1985.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência – A Mulher na Luta Contra a Escravidão*. São Paulo, Editora Contexto, 1988.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *A Violência Doméstica*. Rio de Janeiro, Ida e Marco Zero, 1984.
- OTÁÑO, Blauqui. *A Bíblia e as Mulheres*. Belo Horizonte, Cadernos do CEBI n° 16, 1989.
- PRIORE, Mary del. *A Mulher na História do Brasil*. São Paulo, Contexto, 1988.
- PROJETO NEGRO/IBASE. *Negros no Brasil: Dados da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1989.
- REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA (REB). *Teologia Feminista na América Latina*. Petrópolis, Vozes, n° 46 (181), Março de 1986.
- RUFINO, Alzira. *Mulher Negra – Uma Perspectiva Histórica*. S.N.T.
- SILVA, Benedita da. *Constituinte: As Conquistas da Mulher*. Rio de Janeiro, Partido dos Trabalhadores, RJ, 1988.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *A Mulher Negra nos Anos 80: A Proposta para Elucidação da Presença e Diagnóstico dos Problemas da Mulher Negra*

- nos Estados do Sul*. Porto Alegre, UFRGS – Núcleo de estudos da mulher, 1988.
- SILVEIRA, Maria Augusta Rheingantz. *Maria e Mulher: Sob o Enfoque da Maternidade Divina*. Santa Maria, 1° Congresso Mariológico Estadual, 1988.
- SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- UBRAJE. *Sexualidade Uirá*. São Paulo, 1988.

TRECHO DO LIVRO

Os **objetivos** que iluminaram a elaboração desta publicação foram:

- Fazer conhecer a mulher negra como um dos agentes da história brasileira;
- Reconhecer na luta da mulher negra os sinais da construção do Reino, que é o Reino de mulheres e homens negros, índios e brancos comprometidos com a justiça;
- Denunciar as relações machistas-racistas existentes na sociedade, inclusive na Igreja;
- Denunciar a tríplice discriminação que vive a mulher negra: ser mulher, ser negra, ser pobre;
- Incentivar as mulheres negras a se organizarem nos diversos grupos e espaços de que participam;
- Valorizar as organizações das mulheres negras e compreender os desafios que enfrentam.



ISBN 85.326.0159-6